

“Não voltarei ao lado de lá”

Um ano depois de ter deixado o poder, o ex-ministro explica seus planos para o futuro

LUÍS HUBERTO/ABRILPRESS



“Eu não quero chegar ao poder. Não quero mais, não interessa... No debate sim, mas na atuação governamental não. Se puder evitar, não voltarei jamais para o lado de lá, de nenhuma forma”.

“O governo não pode trabalhar com estimativas tão pessimistas”. Com estas palavras, há um ano, o general Golbery do Couto e Silva devolveu ao então ministro da Fazenda, Karlos Rischbieter, o relatório que ele havia encaminhado ao presidente Figueiredo sobre a situação econômica do país. Devolvido o relatório, ao ministro não restou outra alternativa senão demitir-se. Chegava ao fim a contenda surda que ele vinha mantendo com Delfim Netto, guindado ao posto de ministro do Planejamento poucos meses antes. Passado um ano, as previsões de Rischbieter, “pessimistas” ou não, se revelaram muito mais próximas da verdade do que as de Delfim Netto, e hoje se agravaram os problemas econômicos e sociais que ele apontava. Sobre este e outros temas — como seus planos políticos para o futuro — o ex-ministro Rischbieter concedeu aos repórteres Otávio Duarte e Regina Rocha, em Curitiba, a seguinte entrevista:

Movimento: Um ano depois de seu afastamento do governo, gostaríamos de saber como o senhor vê, hoje, a situação brasileira. O país continua crescendo mas, em vez de estarmos produzindo coisas básicas como leite, ovos, carne — estamos produzindo rádios de pilha, numa comparação simplificada.

Rischbieter: Quem deve determinar o que produzir é a própria sociedade. O drama é o seguinte: a sociedade vai querer rádios de pilha, provavelmente. Então, se você disser: “deixemos o mercado agir”, pode ter surpresas. Pensemos na faixa do quarto estrato. Não tem emprego, não tem educação, não tem alimentação. Então o sujeito luta para sair disso e consegue chegar a alguma cidade, consegue um emprego. Qual a aspiração dele? Há pesquisas muito interessantes a esse respeito. Quando eu estava na Caixa Econômica, o BNH fez uma pesquisa para saber se era desejo de todo mundo ter uma casa própria. Não era esse o desejo. A prioridade número um era a televisão, revelou a pesquisa. Então, tem que haver a intervenção do governo no sentido de garantir as coisas básicas, que são a alimentação, a saúde, a educação.

Movimento: Mas quando o povo assume determinado gosto, ele está respondendo a um incentivo da sociedade.

Rischbieter: Lógico, tem toda a “mass media” que o induz a querer essas coisas. Você pode perguntar até se a televisão não é a coisa mais subversiva que existe. Subverter é alterar uma ordem existente. Quando a televisão joga em milhões de lares, hoje, o produto, será que ela não está criando essa angústia de ter coisas? Então, você pode raciocinar nesses termos: vamos acaba, com a televisão. Não é nada disso. Você deve fazer uso da televisão, que é um mecanismo fantástico de mutação de coisas. Pode fazer uso para ensinar como cuidar da saúde, por exemplo.

Eu acho que a tecnologia é uma das

coisas mais importantes, mas uma tecnologia adequada. Sou muito fã de um sujeito chamado Schumacker, que procura achar soluções viáveis dentro dos recursos que tem. Tive uma discussão, esses dias, com uma pessoa que argumentava que o Brasil deveria ter uma tecnologia mais moderna no campo dos automóveis, e disse: veja você, o Galaxie é feito com uma tecnologia ultrapassada. Mas o Brasil não pode pagar a tecnologia de um automóvel grande, moderno.

Movimento: Mas esse desenvolvimento “moderno” vem incentivando o consumo do que não é prioritário. Uma parte do país tem hábitos consumistas próprios de uma nação desenvolvida.

Rischbieter: Exatamente. O Brasil tem hoje dentro de suas fronteiras um mundo. São Paulo tem uma Suíça e dez Biafras. É um pouco exagerado mas, no fundo, há coisas no país tão sofisticadas como em Nova Iorque ou Paris. Supermercados, hotéis, boates. Por outro lado, nós temos aquela massa de gente que não está bem.

Movimento: Mas o senhor ainda é favorável a um modelo capitalista.

Rischbieter: Eu acredito que o capitalismo pode funcionar, desde que a sociedade civil estabeleça corretamente suas defesas. Pode ser um capitalismo selvagem ou um capitalismo moderno. Acho que o capitalismo moderno é viável. Existem sociedades capitalistas formadas, onde a diferença entre o patrão e o operário é pequena. Na Suécia, por exemplo, que conheço bastante, não há mais ricos. A Suécia socializou os benefícios, fez com que os benefícios fossem espalhados. A Alemanha também. Acho que esse é o caminho do Brasil, a não ser que se faça uma revolução e se implante um

sistema como o modelo soviético, o modelo oriental.

Movimento: Mas, pelo caminho mesmo do capital, como seria possível implantar no Brasil um capitalismo moderno, se a estrutura de poder, altamente concentrada, determina a política econômica e social?

Rischbieter: Você tem que caminhar, evidentemente, em conjunto. A estrutura política tem que ser modificada. Tem que dar voz para todos. E acho que estamos tendo uma evolução nesse sentido, nos últimos anos. Um operário como o Lula não tinha voz há dez anos, nem há 20 ou 50. Acho que é a primeira vez que surge isso, esse direito de voz.

Movimento: Mas o grupo que está no poder cassou o mandato do Lula e de outros operários quando eles estavam comandando a greve do ABC.

Rischbieter: Mas não conseguiu acabar com o Lula. Ele surgiu para ficar. Se for cassado, existem outros para tomar o lugar dele no sindicato. E ele conseguiu formar um partido.

Movimento: A propósito, o que o senhor acha dos partidos? Estão distanciados da população?

Rischbieter: Infelizmente estão. Os partidos não conseguiram ainda representatividade, apresentar propostas concretas. Embora o PMDB, o maior partido da oposição, consiga concentrar em si o sentimento da oposição, isto é, ser contra alguma coisa, não conseguiu ainda ser a favor de um modelo. Li hoje que o PMDB vai estabelecer um modelo — o “Projeto Brasil”. Isso é um passo em frente. Veja bem: as democracias são, no fundo, bipartidárias. Nos Estados Unidos, a disputa se trava entre democratas e republicanos, conservadores e liberais. Na França é a mesma

coisa. Na primeira eleição há um monte de gente brigando. Depois, acaba ficando uma decisão a nível bipartidário.

Movimento: Como o senhor vê a possibilidade de construir no país um capitalismo moderno, se há uma instabilidade política muito grande, se os partidos não são representativos?

Rischbieter: Depende de uma luta permanente. Devemos partir da ideia de que todos queremos um país forte e justo. Dentro disso é que é preciso raciocinar. O modelo socialista, o modelo capitalista? Nós estamos num modelo capitalista. Se você quiser raciocinar dentro dele, deve usar a política fiscal, a política financeira, para fazer com que a renda não se concentre. Se estamos convictos de que a concentração da renda é o grande problema do Brasil, então é preciso agir para mudar a pirâmide. Na minha atuação no Ministério da Fazenda, tentei fazer incidir impostos sobre heranças, tributar ganhos de capital.

Movimento: Mas o senhor não conseguiu que o governo encampasse essas medidas.

Rischbieter: É, não consegui. Também tentei dar mais dinheiro aos municípios. O Brasil é tão grande... de Brasília não se tem visão do país. Então deixe o Jaime Lerner fazer as coisas dele aqui. Dê dinheiro para ele. Ele está aplicando bem o dinheiro, não está fazendo obras suntuosas, está tentando resolver o problema de transportes, de praças. Deixe o sujeito fazer e ele é julgado depois.

A ideia de subsidiar o consumo para os pobres, de adotar programa de alimentação é outra providência possível. No bolo da sociedade, vamos supor que 40 milhões de pessoas não pagam impostos, não têm como pagar, não têm dinheiro. Então tire-se de quem já paga impostos. Faz-se uma transferência de renda via alimentação e não via salário.

Movimento: Os jornais procuram dar ao senhor um enfoque parecido com o dado a Severo Gomes, que saiu do governo e passou para a oposição. Como o senhor pretende, como cidadão, apontar caminhos, dar sugestões?

Rischbieter: Não pretendo fazer política via partidos. O Severo Gomes entrou para o PMDB, defende posições. Eu não pretendo fazer isso. Nunca fui de política partidária, não está dentro de mim. Posso é apontar medidas. Está fazendo um ano que saí do Ministério. Mas as ideias que sempre tive, não são mais discutidas. Saí de oito anos de governo, dois aqui e seis em Brasília. Voltei para cá e foi o que disse na época: vou procurar um emprego. Graças a Deus, tenho um emprego. Agora vou dedicar uma boa parcela de minha vida a formular ideias, a alertar.

Movimento: Isso seria possível sem um engajamento?

Rischbieter: Sem um engajamento partidário, sim. Concordo que não é fácil. Você atua melhor dentro de um grupo. Mas nós relacionamos uma série de amigos que queremos engajar no processo: 80% não são de partidos; são professores, jornalistas, estudantes etc. Onde se pode atuar? Via comunicação já é importante. Um amigo me disse: “A ideia é boa, mas para que?” Eu não quero chegar ao poder. Estou com 53 anos, tive duas vezes uma parcela de poder nas mãos.

Movimento: A nível de governo, então, o senhor não está mais disposto a colaborar?

Rischbieter: No debate sim, mas não na atuação governamental. Se puder evitar, não voltarei mais para o lado de lá, de nenhuma forma.